



## OS TRAJES DE D. MARIA I NO FILME CARLOTA JOAQUINA

### RESUMO

Em seu doutoramento, Carolina Bassi de Moura lançou uma inquietante questão: quem estabelece a linguagem plástica de uma obra (cinematográfica), o diretor ou o diretor de arte? Dentre os atributos de um diretor de arte está coordenar a criação dos trajes de cena. Este artigo busca investigar os figurinos da personagem Dona Maria I, do longa metragem Carlota Joaquina (1995) criada pela veterana atriz Maria Fernanda, sob a direção de Carla Camurati. O filme, que muitos consideram um marco no renascimento da indústria fílmica brasileira, traz representações caricaturais de importantes personalidades históricas e alcançou números expressivos de bilheteria justamente pela galhofa e ironização destas personagens públicas, de maneira não histórica nem tampouco baseada em fatos verídicos, mas que se tornam “verdadeiros” a partir da dimensão cinematográfica que conseguiram. Os trajes seguiram as mesmas perspectivas. Uma análise detalhada do complexo guarda-roupa verdadeiro, o real da vida quase cotidiana da Rainha D. Maria I, e sua inserção dentro dos contextos históricos (sociais, políticos e econômicos) mostrará o que se perde (e o que seria possível ganhar) com o filme. A direção de arte foi assumida por três pessoas- que assinaram também o figurino e cenografia- e tinha na equipe uma historiadora de formação, o que aumenta as perspectivas da criação dos trajes. Vale tudo por uma boa risada? É o que a análise dos trajes - e do filme- propõem pensar.

O resumo a ser submetido aos GTs deve ter de 15 a 20 linhas, texto único, em fonte Times New Roman, tamanho 12, e espaçamento de 1,5 cm.

**Palavras-chave:** palavra-chave 1; palavra-chave 2; palavra-chave 3.